

FLÁVIO TIRONE

# O projecto cénico em palco

A arquitectura de cena é um trabalho de bastidores, mas que influencia diariamente o ofício de técnicos e artistas. O arquitecto Flávio Tirone dedicou a sua vida profissional a esta especialidade.

É dos poucos arquitectos, em Portugal, que trabalha na especialidade de arquitectura de cena. Flávio Tirone fundou, em 1995, o *atelier* Arsuna, estúdio de arquitectura e artes cénicas, onde oferece serviços de consultoria em arquitectura e técnica de cena e desenvolve projectos cénicos para operações de construção ou remodelação de locais de espectáculo. Uma vida nos bastidores, a modelar o espaço de quem actua dentro e fora dos palcos.

Tendo dupla nacionalidade – portuguesa e italiana – decidiu tirar o curso de arquitectura, em Florença. Numa faculdade com dez mil estudantes inscritos, encontrou “uma grandíssima liberdade”. Um curso de mímica, realizado em 1988, junto do professor Orazio Costa Giovangigli – encenador ligado ao neo-realismo – alimentou a paixão pelo teatro. A sua tese de licenciatura versou justamente sobre um projecto piloto, intitulado Arsuna, idealizado por esse mesmo professor, em que todas as artes teriam como base pedagógica a mímica. O auto-conhecimento, proporcionado por esta técnica teatral, foi uma das suas grandes motivações.

No regresso a Portugal, encontrou “uma explosão” na área da arquitectura. “Qualquer pessoa que trabalhasse na área tinha que fazer”, garante. Antes de dar os primeiros passos na arquitectura de cena, trabalhou como técnico de cena e de iluminação. Esta experiência de bastidores, deu-lhe a oportunidade de “viver e sentir” o mundo por detrás dos palcos, bem como diagnosticar os problemas e obstáculos que a profissão encerra.

Em 1992, Orlando Worm convida-o para colaborar na redacção do relatório para a remodelação da área técnica do Teatro S. Carlos. Foi uma experiência “curta, mas fundamental”, onde descobriu o gosto pela arquitectura de cena. Estando “de fora lá dentro” e reunindo conhecimento e experiência na área da arquitectura e dos palcos, contribuiu para o levantamento dos elementos necessários a uma obra de remodelação do teatro.

Durante vários anos, trabalhou exclusivamente na área cénica. Após a criação do *atelier*, em 1995, começou a oferecer serviços de consultoria a arquitectos encarregados de renovar ou construir locais de espectáculo.

Eduardo Ramalho



Para além de ser consultor cénico, hoje em dia, elabora desenhos de pormenor, o que permite reunir os “elementos desgarrados, afectos a esta especialidade, na mesma folha de papel. Em várias obras, já contribuiu, desta forma, com o que chama o “projecto cénico”. É um “produto completo” no qual o seu *atelier* foi pioneiro em Portugal.

Mais recentemente, na remodelação do Teatro Maria Matos, em Lisboa, que reabriu ao público em Março deste ano, este arquitecto esteve responsável não apenas pela especialidade do projecto cénico, mas também pela arquitectura do edifício. Era

Eduardo Ramalho



Caixa mágica: da boca de cena para trás tudo tem de ser possível

**Flávio Tirone:**  
Garantir as melhores condições a técnicos, artistas e público, e contribuir para uma evolução do estado da arte

a este ponto que queria chegar, “se tudo corresse bem”.

O fundamental deste projecto foi a infra-estruturação da sala de espectáculo garantir os requisitos mínimos – técnicos, de segurança e conforto –, imprimindo “uma nova identidade ao teatro dentro do espírito contemporâneo de uma sala de espectáculos”. As obras incluíram a remo-delação da sala e dos bastidores, a melhoria da acústica, da iluminação, da climatização, o reforço da segurança e a eliminação das barreiras arquitectónicas, representando um investimento de três milhões de euros.

## Regresso aos teatros

Na opinião de Flávio Tirone, a moda do cinema em casa e da virtualidade ofuscou a importância do teatro, mas hoje a tendência é outra. “Há esta nova moda, generalizada, de voltar ao

teatro, a um contacto mais humano ou humanizante”, explica. De repente, as autarquias portuguesas deram conta de que o país estava cheio de teatros e houve uma explosão no mercado. “Em 2000, existiam 15 ou 20 salas de teatro a serem construídas ao mesmo tempo”, exemplifica.

A evolução do espectáculo da encenação e da cenografia aperfeiçoou os conhecimentos sobre a arquitectura de cena. “O encenador gostaria que, da boca de cena para trás, ele pensasse uma coisa e fosse absolutamente exequível”, sintetiza Flávio Tirone. A sua missão é tornar isto tecnicamente viável. Com “espírito de missão”, busca garantir as melhores condições de trabalho – para técnicos e artistas – e de lazer, para o público. “Procuro interpretar o utilizador, como se o fizesse para mim”, elucida. A experiência acumulada contribui para o resultado. O seu objectivo é, ainda, derivado dos seus conhecimentos profissionais, contribuir para uma evolução do estado da arte, garantindo condições cada vez mais próximas das de outros teatros, noutros países.

No teatro, tudo é maleável de forma a adaptar-se à imaginação de cada artista. A gramática do palco inclui, assim, a caixa de palco, que nasce no século XVIII, as varandas, a teira, o palco e o subpalco. São peças da engrenagem de uma “fábrica” de fazer magia, “onde tudo é possível”. O programa dita as regras e o único espartilho é o orçamento disponível. Se na Alemanha qualquer teatro tem um sistema de plataformas – que permite elevar os actores em cena a velocidades diferentes –, em Portugal a realidade é um pouco diferente. O tradicional palco com quarteladas permite uma fácil desmontagem e adaptação aos desejos de cada encenador.

No cine-teatro Olga Cadaval, em Sintra – remodelada em 2002 – encontramos um avançado sistema de varas, que servem para suspender a iluminação e os cenários, a deslocarem-se a diferentes velocidades, num movimento sincronizado controlado pelo técnico de cena. Mas o sistema de contrapesos é o mais comum por ser economicamente mais acessível. “É rudimentar, mas muito eficaz”, defende Flávio Tirone. ←